

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empresa do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

# PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 1903

NUMERO 4



OLIVEIRA MARTINS

# CHRONICA

## Consagrações e despezas

A anterior semana foi fértil em consagrações. Parece que vamos no bom caminho de glorificar os mortos, aquelles que muito trabalharam e andaram n'este mundo aos pontapés da turba, queridos apenas por uns amigos e por um publico limitado que os comprehendeu.

A estatua de Sousa Martins está fundida, a Sciencia vae ficar a seus pés, meditativa e em pedra, escrava d'elle, que muito a amou. No cemiterio dos Prazeres, fez-se a trasladação de Oliveira Martins; no seu tumulo, a Historia, illuminada e radiosa, fica a guardar as cinzas do auctor do *Nun'Alcares* e dos *Filhos de D. João I.* E aquella figura da Historia não tem a carranca, nem a severidade, nem a attitudão alancieira de censora de factos, de implacavel juiz a condemnar reis e povos. E' uma Historia suave, de perfil hieratico e ligeiro, como a obra do Historiador que ella guarda no seu tumulo, á sombra dos cyrestes.

Mas na actual semana, esquecidas as consagrações com a chegada do inverno, que já se mostra a fazer das suas, houve o desespero nos lares ante as exigencias da familia. Esteve ahí o Coquelin e augmentaram as despezas. Venderam-se mais plumas nas lojas, mais *fauteuils* no D. Amélia e houve mais movimento no escriptorio da companhia de carruagens. Palrou-se muito por deshoras na esquina do theatro, sob a luz, frente dos cartazes, ouviram-se imprecações, coleras silvaram.

—O Coquelin, ora!...—berrou-se desesperadamente—Está *demodé*, menino... Elle e as peças... Ora o *Thermidor*... O *Cyrano*...! Ainda hoje o disse a minha mulher!...

—E' uma questão de gosto—discute outro do lado, um solteirão com os dedos carregados de anéis.

—Qual gosto, amigo!... Olhem, eu desespero-me com as peças, com os auctores, com a empresa, por uma questão estranha!...

—Queres a verdade na arte?

—Qual arte!! Quero que minha mulher e minha sogra não me peçam capas de inverno, nem vestidos de theatro! Ora ahí têm porque detesto o *Thermidor*!

No povo, na arraia miuda, n'essa pobre gente que trabalha, o inverno dá o seu belisco, como na gente que se diverte. O pedreiro já sente que os pardaes buscam refugio nas telhas e já sente as manhãs cortadas pela chuva que vae enfiar. N'esses mezes de inverno as semanas para elle serão de poucos dias de ganho, mas eguaes em gastos. O pobre entra a appetecer o verão, a clamar:

—Antes me derrota a soalheira!

Depois tem mais necessidade de aconechego, de coberturas, de roupas, vem ao longe o Natal, com o seu frio e com a sua evocação da familia reunida, apalpa as algibeiras e tem um gosto desolado, que faz mal ver e que perturba.

A malta vae recolher-se cedo n'estas noites, que são enormes, e ao acordar, ao saltar para o chão, de membros lassos e aos espirros, espreita pela fresta a madrugada. E' um tormento essa manhã. Ou vae chover, ou vae estar um dia indeciso, dubio. Conforme o dia, assim o pão.

—Olha, mulher... Mais agua na panela... Estou a ver que só trabalho um quartel!

E vae pela rua, bisonha e curvada, a arraia miuda, que Deus não vê.

Nas ruas installam-se os coretos, armam-se os arcos triumphaes, sacodem-se nos paços as tapeçarias, pintam-se as portadas, paira no ar um cheiro de festa e o bom lisboeta diz:

—Deus queira que não chova!

E' que dentro em pouco chegará a Lisboa S. M. Catholica e já nas almas vae a sensação do divertimento. Os coches de gala hão de rodar, pesados e com o seu ouro, traquitinando por essas praças, no som dos vivas, no som das musicas e das palmas. Haverá aporção; na rua, mais mulherio, mais alegria.

Por isso o lisboeta, que quer divertir-se, diz como o artifice que quer ganhar o pão:

—Deus queira que não chova!...

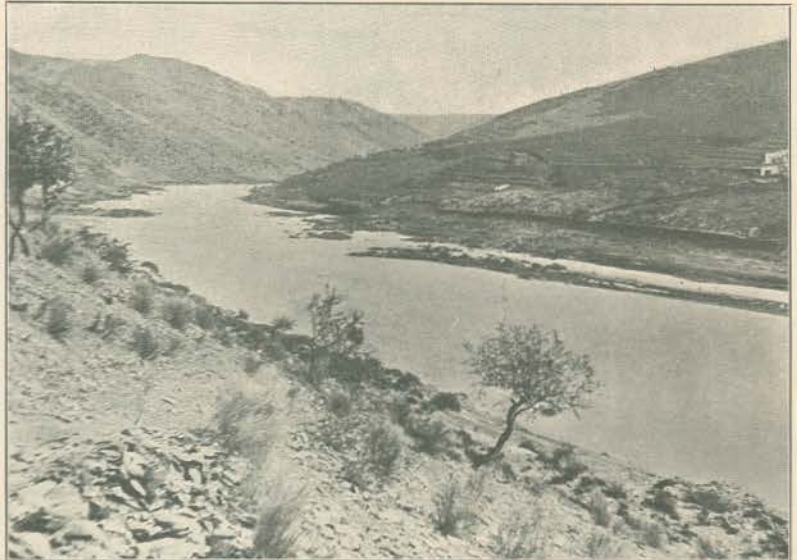
Oh! Mas choverá, ha de chover decerto, quanto mais não seja petalas de rosas sobre a cabeça do rei de Hespanha.



UM TRECHO DO JARDIM DE BELEM EM PLANTAÇÃO



PREPARATIVOS PARA A VISITA DO REI DE HESPAHIA  
UM TRECHO DO JARDIM DE BELEM EM FRENTE DO PALACIO



CAMINHO DE FERRO DO POCINHO, CUA INAUGURAÇÃO SE REALISOU EM 15 DE NOVEMBRO COM A ASSISTENCIA DO SR. MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

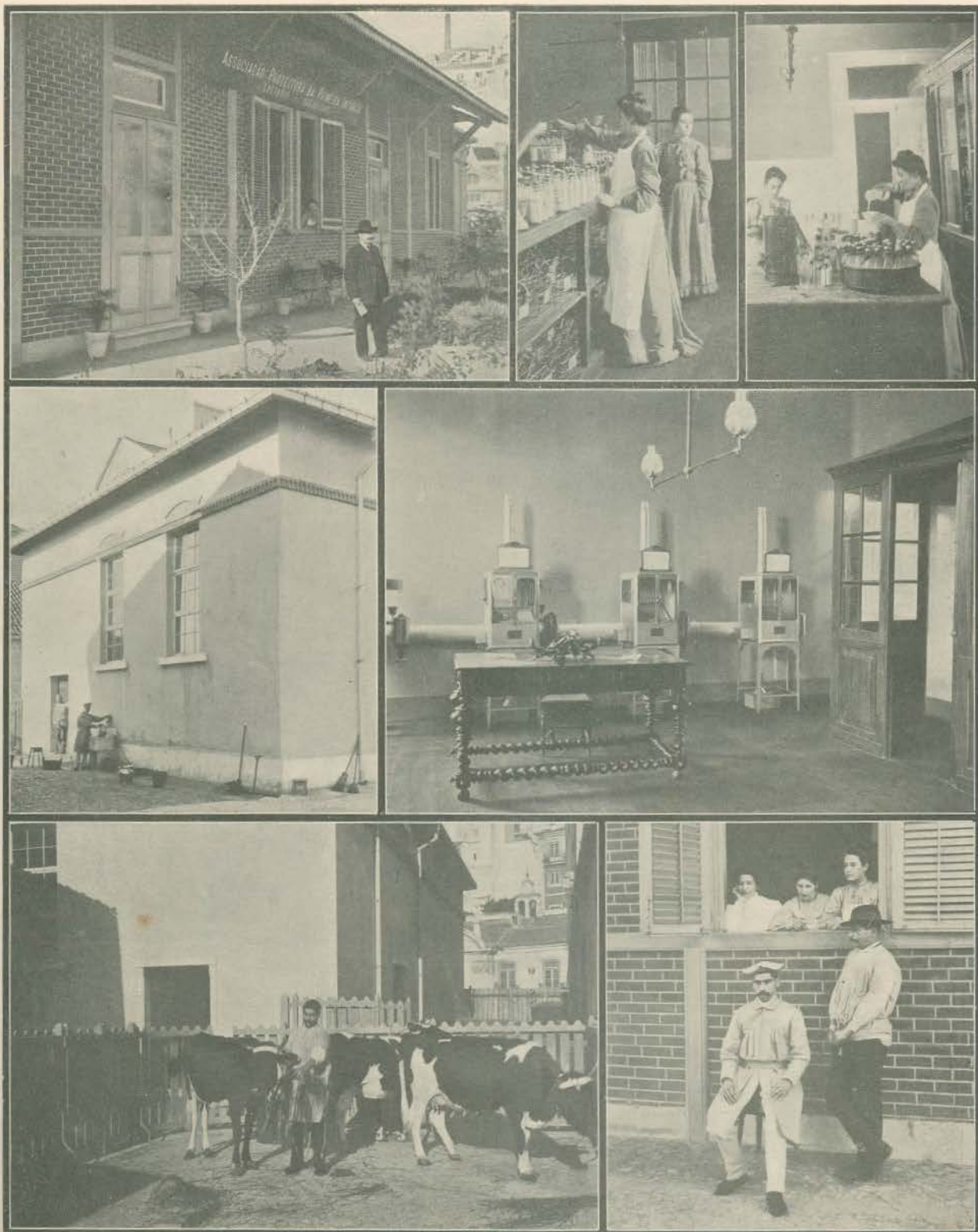




O SABBADO DOS POHRES — GRUPO DE MENDIGOS AGUARDANDO A DISTRIBUIÇÃO DO CALDO EM FRENTE DA DEPENDENCIA DA MISERICORDIA NA RUA DA ROSA



EM TRECHO DA AVENIDA DA LIBERDADE NA TARDE DO ÚLTIMO DOMINGO



AS INSTALAÇÕES DO LACTARIO

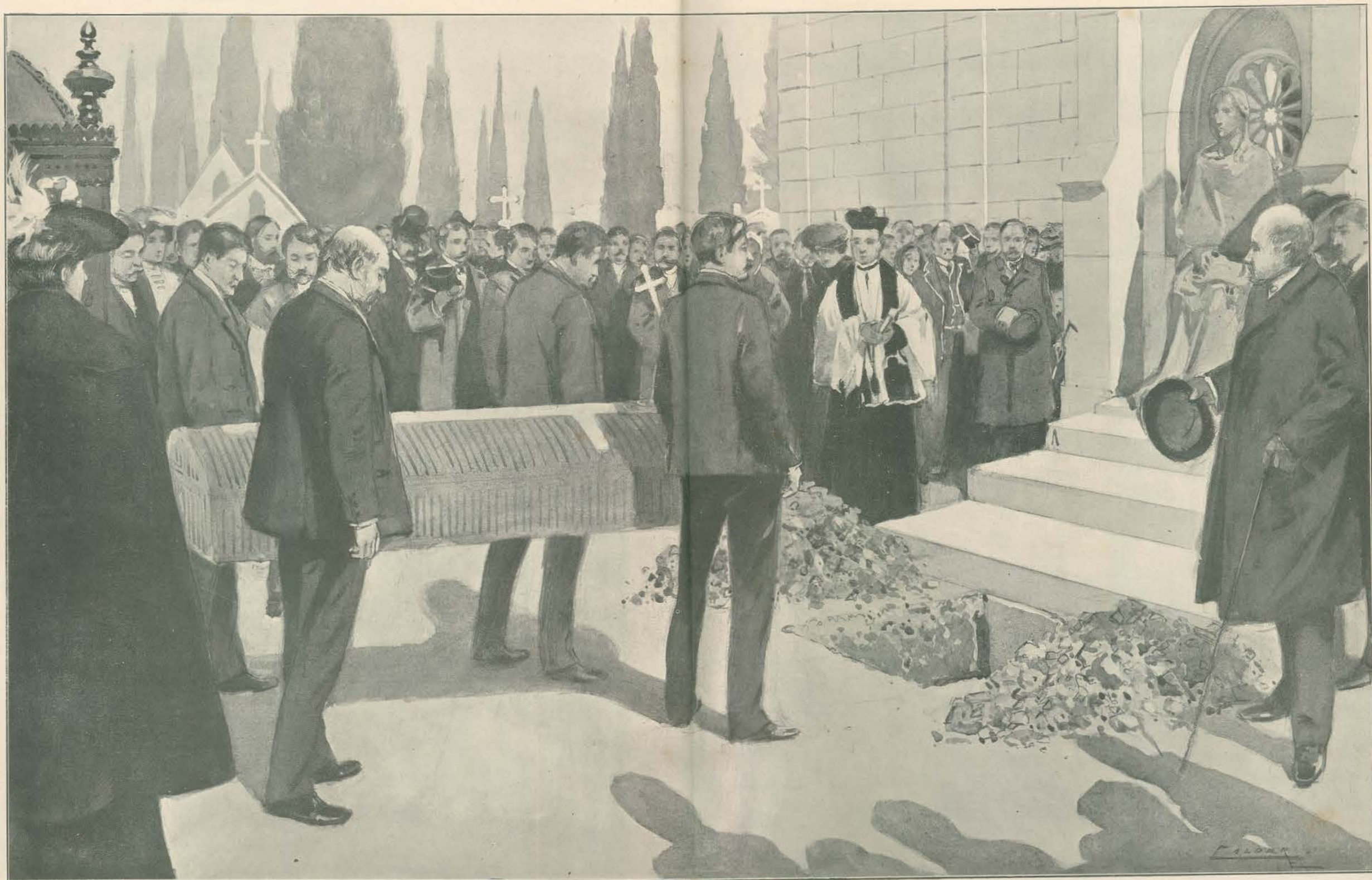
PROPRIEDADE DA ASSOCIAÇÃO PROTETORA DA PRIMEIRA INFANCIA, INAUGURADO EM 22 DE NOVOEMBRO COM A ASSISTENCIA DE 88. MM.  
 1.—O BARRACÃO. 2.—A DISTRIBUIÇÃO. 3.—A FILTRAÇÃO. 4.—EQUIPO DA VACARIA POR TUBO. 5.—AS INSTALAÇÕES. 6.—VACARIA POR DESTRE. 7.—O FERRAL.



S. A. R. O PRINCIPE SENHOR D. LUIZ FILIPPE, DANDO A SUA LIÇÃO DE CHIMICA NO LABORATORIO DA ESCOLA POLYTECHNICA COM O PROFESSOR SR. ACHILLES MACHADO, NO DIA 20 DE NOVEMBRO

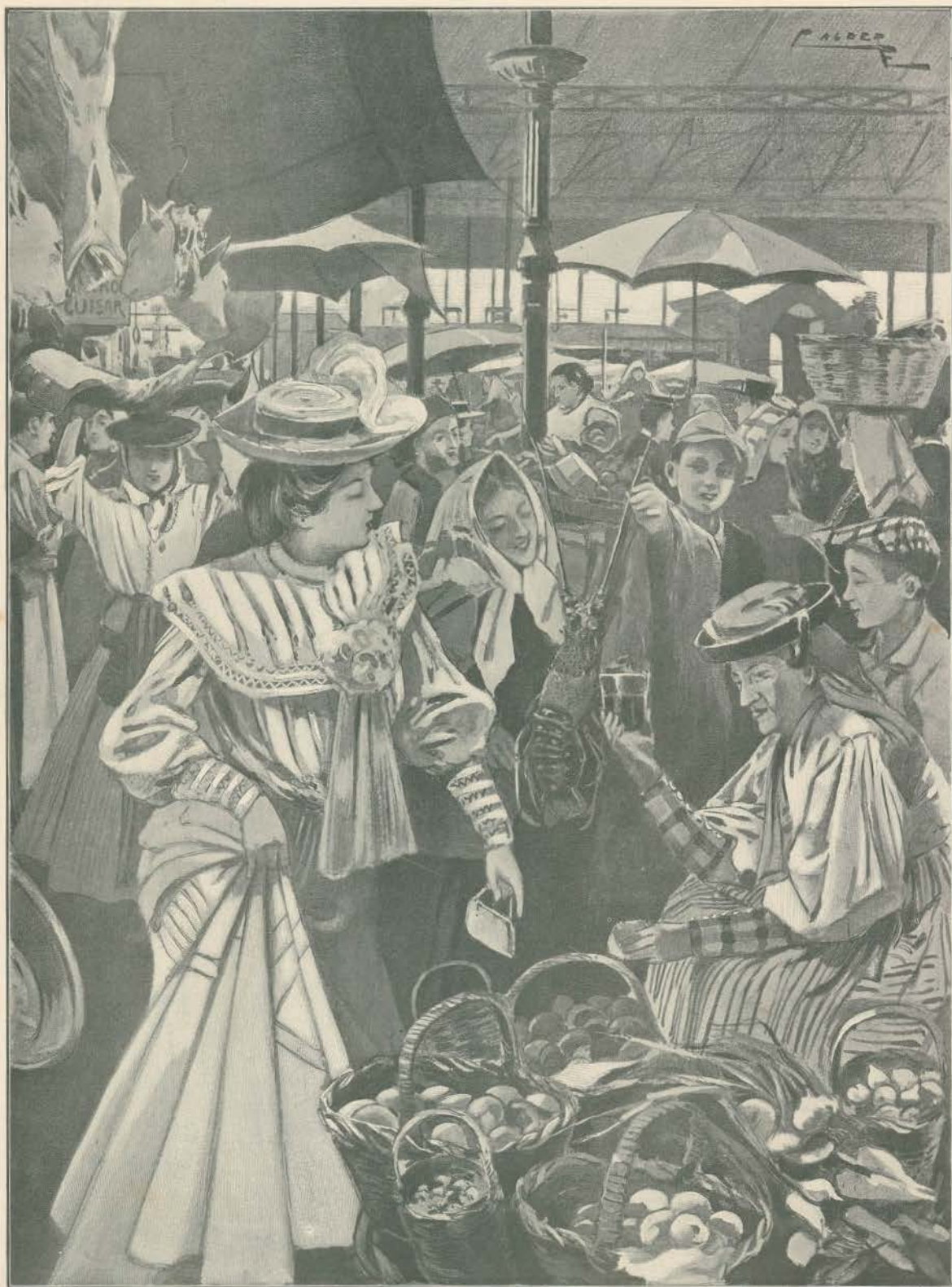


A MANIFESTAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LISBOA E DE COIMBRA À ESTATUA DE EÇA DE QUEIROZ, REALSADA EM 22 DE NOVEMBRO



A TRASLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAES DO HISTORIADOR OLIVEIRA MARTINS, EM 21 DE NOVEMBRO, PARA O MAUSOLEU MANDADO ERGIR POR UMA COMISSÃO DE AMIGOS





A PRAÇA DA FIGUEIRA — ASPECTO DO MERCADO NOS ÚLTIMOS DIAS



O CORONEL MATHIAS NUNES  
Director da Fundação de Candeias, onde se fundiu  
a estatua de Nossa Senhora



JORGE O'NEILL  
Membro da comissão que mandou erigir  
o monumento de Oliveira Martins



MR. LEOSTARDO DE SEIXAS  
Engenheiro construtor que fez os trabalhos de  
terraçoagem na Ilha de Cintura no oceano



O ENGENHEIRO WAN-DEE-WALLEN  
Um dos construtores da Ilha de Cintura no oceano  
cuja existência se realizaram  
em 24 de novembro



O GENERAL ANTONIO CANDIDO DA COSTA  
Novo comandante da 2.ª divisão militar



SOUZA MACHADO  
Tenente-coronel de infantaria a quem foi entregue  
uma espada de honra



CONDE DE SARAGOSA  
Membro da comissão que mandou erigir  
o monumento de Oliveira Martins



THEOTONIO DA SILVA BASTOS  
Membro da comissão que mandou erigir  
o monumento de Oliveira Martins



ACHILLES MACHADO  
Lente da Escola Polytechnica e professor de chi-  
mica de S.A. R. o príncipe D. Luiz Philippe



FAUSTINO DA GAMA  
Fallecido em 21 de novembro



JOÃO ANTONIO DE AGUIAR  
O fallecido chefe da policia



CASIMIRO JOSÉ DE LIMA  
Um dos membros da comissão promotora  
da estatua a Nossa Senhora



REGATAS EM PEDROUCOS  
TRIPULAÇÃO DA GUILA «ELEONORA» QUE FICOU VENCEDORA NA ÚLTIMA REGATA DA ESTAÇÃO PROMOVIDA PELO  
REAL CLUB NAVAL

ARMANDO CARIBAS	PEDRO DEL-REIRO	ANTONIO GONCALVES	ESTR. FRASDE	ALVARO BASTOS
ALBERTO DE GOMES	M. F. TANQUEA (Real Club Naval)	Instructor official doj (timoneiro)	A. COITO	



O ESCULTOR COSTA MOTTA  
Autor da estatua de Nossa Senhora



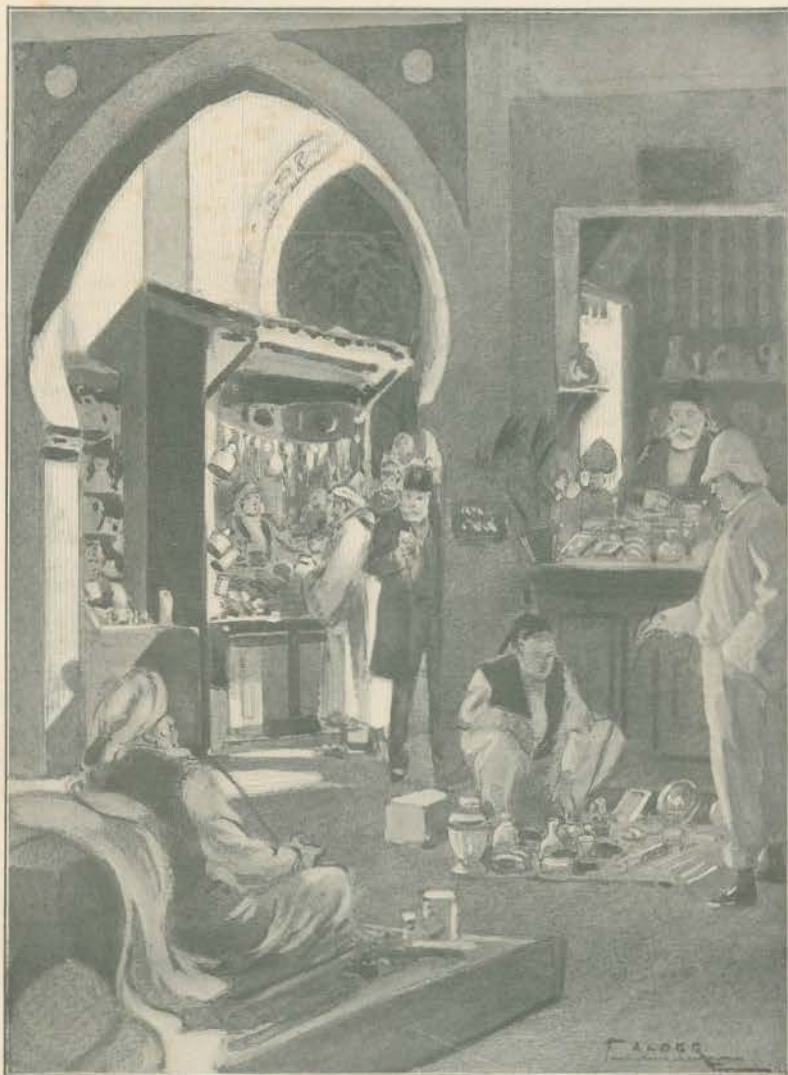
A CATASTROPHE QUE TEVE LOGAR EM 20 DE NOVEMBRO NO CAMINHO DE FERRO DA LINHA DE CASCAES, UM POUCO ADIANTE DO APEADEIRO DO BOM SUCESSO, E NA QUAL FICARAM GRAVEMENTE FERIDOS, ALEM DA PROFESSORA DE PIANO D. LUIZA DE SOUSA, O MACHINISTA PEDRO MARTINS E O FOGUEIRO ANTONIO FERREIRA



O BALÃO LUSITANO

O AERONAUTA BELCHIOR NOS JARDINS DO PALACIO DE CRYSTAL COM OS SEUS COMPANHEIROS DE VIAGEM, CESAR MARQUES DOS SANTOS E JOSÉ D'ALMEIDA, CAPITALISTAS, DE VILLA NOVA DE GAYA, MOMENTOS ANTES DA ASCENSÃO QUE SE REALISOU NO SABBADO 21 DE NOVEMBRO (SEGUNDO UMA PHOTOGRAPHIA DE GUEDES D'OLIVEIRA)

III



## OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN. TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Visitámos as Mil e uma colunas. Não sei para que isso foi primitivamente destinado, mas disseram ter sido construído para um reservatório. Estão situadas no centro de Constantinopla. Desceis um longo de escadas de pedra no meio de um lugar arido, e lá vos achais, a quarenta pés abaixo do solo, e no meio de uma perfeita solidão de colunas altas, delgadas, gráficas, de arquitectura bysantina. Permaneci onde quizerdes, em attitude de posição tantas vezes quantas foram do vosso agrado, seréis sempre o centro d'onde irradiam doze compridas arcadas e columnatas que se perdem na distancia e no crepusculo sombrio do lugar. Este vasto reservatório só se é occupado agora por alguns espectros fadados de seda, e um d'elles mostrou-me uma cruz gravada no alto de uma das colunas. Supponho que me queria dar a entender que ella era anterior á occupação da cidade pelos turcos, e julgoi que me fez uma observação para esse fim; mas devia ter algum impedimento na fala, porque não o percebi. (Na minha simplicidade, nenhuma pergunta embaraçosa me perturbavam n'esse tempo, mas agora me occorre que talvez esse mesmo velho bicho de seda esculpisse aquella cruz, com a mira em aterrorizar d'ahi luros.)

Descalçemo-nos para entrar no mausoléu do marmoreo do sultão Mahmoud. O túmulo de Mahmoud, coberto com um manto de velludo negro, caprichosamente bordado de prata, estava collocado dentro de uma imaginosa grade de prata; dos lados e aos cantos, castiões de prata que pesariam mais de mil arrateis, com velas tão gran-

des como a perna de um homem; no topo do sarcophago um fez, adornado com um bello diamante, que um guarda que lá estava disse valer com mil libras esterlinas. Disse o medico que devia ser uma grande emolusão ser um cadaver, e fazer sob um diamante como aquelle, e um grande estímulo para a faculdade creadora ser guardado e fazer sobre elle.

Fomos, é claro, ao grande bazar de Stambul, e quanto á sua descripção limitar-me-hei a dizer que é um aggregado monstruoso de lojas pequenas—milhares, creio eu—todas debaixo de um tecto, e divididas em innumerables quarteirões por meio de ruas abobadadas. Uma rua é destinada a uma especie de mercadorias, outra a outras, e assim por diante. Se quizeris comprar um par de chinellos, tendes a linha de toda a rua—não precisas de andar á procura de armazens em diferentes logares. O mesmo succede com sedas, antiguidades, chales, etc. O local está sempre apinhado de gente, e, como os productos orientaes estão profusamente expostos deante de cada loja, o bazar de Stambul constituiu um espectáculo digno de verso. E' cheio de vida, de bulleto, de negocio, immundicio, polvres a pedir, burros, bufarinhoiros, que soltam gritos estridentes, moços de frotes, dorchieiros, lojistas turcos de alta estirpe, gregos, e mahometanos com ares magios e magicamente vestidos, lá das montanhas, e das comarcas provincianas—e a unica coisa que a gente não cheira quando está no Grande Bazar é só o que cheira bem.

Falta de moralidade e de whiskey.—Boletim do mercado de raparigas escravas.—Desceito na moralidade commercial.—Deuses de Constantinopla caluniosos.—Peticões d'avisos de jornalistas na Turquia.—Engenheiro jornalista italiano.—Não se querem mais *hacks* turcos.—Fraldo de banco turco.—Fraldo do margalite.—Apalhado por um indigena.—Fraldo do café turco.

As mesquitas são muitas, as igrejas são muitas, os cemiterios muitos, mas ha pouca moralidade e whiskey. O Alcorão não permite aos mahometanos beberem. E não lhes consentem os seus instinctos naturais que elles se sejam moralizados. Dizem que o sultão tem oitocentas mulheres. Faz cólar de vergonha ver que semelhante coisa é admitida aqui na Turquia. Não chega a tanto, contudo, no Lago Salgado.

Raparigas circassianas e georgianas ainda são vendidas em Constantinopla pelos paes, mas são publicamente. Já não existem os grandes mercados de escravos, de que tanto temos lido—onde as raparigas de poucos annos eram dispostas para serem inspecionadas, apreciadas e dispendidas como cavallos n'uma feira agricola. A exposiçáo e as vendas agora são feitas em particular. E justamente n'esta occasião as reservas tem subido de preço, em parte por causa de um forte pedido que fece por oriente a volta recente da comitiva do sultão das côrtes da Europa, em parte por causa da abundancia excepcional de cereas, o que livra os possuidores dos trocados da fome, e lhes permite aguardar a elevação do preço, e em parte porque os compradores são demasiadamente fracos para affrontar o preço, ao passo que os vendedores estão amplamente preparados para o manter. N'estas circumstancias, se os jornaes da capital da America se publicassem aqui, o seu proximo boletim commercial seria assim, pouco mais ou menos, creio eu:

## BOLETIM DO MERCADO DE RAPARIGAS ESCAVAS

Melhores marcas de circassianas, colheita de 1850, 200 L; 1852, 250 L; 1854, 300 L. Melhores marcas de georgianas, não houve offerta nenhuma; segunda qualidade, 1851, 180 L. Dezenove bonitas para medianas raparigas wallackias offercidas a 130 a 150 L, não tiveram compradores. Dezeséis de primeira ordem vendidas em pequenos lotes para coelhinar—ajuda particular.

Vendas de um lote de circassianas, de primeira ordem, 1852 a 1854, 240 a 242 1/2 L; compradores, 30; um do quarenta e nove—em mau estado—23 L, dez vendedores, nenhum deposito. Diversas georgianas, genero phantasia, 1852, troca, para satisfazer encomendas. As georgianas, que ha agora, são, pela maior parte, da colheita do anno passado, que foi singularmente pobre. A nova colheita está um tanto retardada, mas entrará brevemente no mercado. Pelo que toca á sua quantidade e qualidade, as informacoes recebidas são o mais animadoras possivel. Quanto a isso, não se tambem affirmar-se positivamente que o novo fornecimento de circassianas tem bellissima apparencia. Sua Magestade o Sultão fez já grandes encomendas para o seu novo harem, que estará acabado dentro em quinze dias, e que tem muito durante fortificado o mercado, e dada á reserva de circassianas uma tendencia pronunciada para alta. Aproveitando-se da vantagem que offerece o mercado abundante, muitos dos nossos astutos especuladores fazem vendas de prompto. Ha idéas de um «canto» sobre as wallackias.

Nada de novo acerca das nubias. Venda demorada. Eunucos.—Offerta nenhuma; contudo, esperam-se hoje grandes carregamentos procedentes do Egypto.

Penso que deveria ser esse, pouco mais ou menos, o estilo do boletim official. Os preços actualmente estão muito altos e os possuidores firmes; mas, ha dois ou tres annos, os paes, a morrer de fome, traziam para aqui as filhas e chegavam a vender-lhe por vinte e trinta dollars, quando não podiam obter mais, simplesmente para se livrarem a si e ás raparigas de expirar á mingua. E' triste pensar n'uma situação tão dolorosa como essa, mas folgo sinceramente de que os preços subissem de novo. A moral commercial, especialmente, é má. Não ha contradicção n'estas palavras. A moral dos gregos, dos luros e dos armenios consiste em concorrer regularmente aos templos nos dias marcados e em violar os dez mandamentos durante a semana. Em primeiro lugar, mentir e lozar é n'elles cousa natural, e depois vão andando e deprimindo a natureza até chegarem á perfeição. Recomendando o filho a um commerciante como bom caixeiro do balcão, o paes não diz que elle é um bello moço, bem comportado e serio, que frequenta as aulas e é honrado, mas diz: «Este rapaz vale quanto a paz em boas moedas de ouro—porque ha de enganar toda e qualquer pessoa que tratar com elle, pois, desde o Euxino e 3 ao mar de Marmara, não ha um mentiroso como elle, tão prestativo!» Como é que isso pode ser uma recommendação? Tem-me dito os missionarios que ouvem encoimões d'essa lãia todos os dias. De uma pessoa que admiram dizem:—«Ah! é um delizioso tratante e um refinadissimo mentiroso!»

Não ha nenhuma que não minta e não engane—ninguém que pertença ao commercio, de qualquer modo. Até os estrangeiros em breve adquirem o costume da terra, e não compram e vendem por muito tempo em Constantinopla, se não mentiram e lozaram como os gregos. Digo como os gregos, por serem estes os peores transgressores n'este sentido. Diversos americanos, ha longo tempo residentes em Constantinopla, sustentam que a maior parte dos turcos merece confiança, mas

Nos gozos em tanto extremo miseráveis, esfomeados, mal assombrados e desfallecidos. Seria uma fúscua sátira acusar animaes como aquelles de levarem as cousas á viva força. Mal pareciam ter a robustez ou ambição precisas para atravessarem a rua. Não dou fé que visse ainda algum canihar mais do que isso. Sargentos, chugados e mutilados, não raro vêdes um pellado em tantas partes que dá a lombra um mappa dos novos territorios. São os mais frios animaes que respiram — os mais abjectos — os mais dignos de lastima. Tem estampada no focinho uma pronunciada expressão de melancolia, um ar de desesperado desanimo. Um cão tufoso, com as malhas sem cabelo, moroco muito mais que outro em estado de saúde, a preferencia das pulgas de Constantinopla; e esses logares expostos são o que as pulgas querem. Vi um cão d'esses querer morder uma pulga — uma mosca attrahiu-lhe a attenção, e elle fez um esforço para a apunhar; a pulga voltou, e isso para sempre o deixou quieto; viu com tristeza ser pauto de pulgas, e com tristeza olhou para a sua mancha descahellada. Depois, soltou um suspiro, e deixou cair resignadamente a cabeça sobre as patas deanteiras. Era inferior á situação.

Os cães dormem na rua por toda a cidade. De um a outra extremidade da rua supponho que serão, termo medio, oito a dez n'um bando. Algumas vezes, é claro, são quinze e vinte. Não pertencem a nenhum e pareceu não ter estreita amizade uns com os outros. Mas dividem a cidade em districtos, e os cães de cada districto tem de permanecer dentro da sua area. Ai do cão que atravessar a linha divisoria! Os que estiverem proximos d'elle tiram-lhe o pelo n'um instante! Assim se conta. Mas elles não attendem a isso.

Dormem na rua actualmente. Não a minha bussola — o meu guia. Quando vejo os cães a dormir socegados, enquanto homens, ovelhas, patos e todos os semoventes andam de uma banda para a outra e em volta d'elles, sei que não estou na grande rua onde fica o hotel e devo seguir ávante. Nessa rua os cães tem uma especie de ar de estarem de vigia — um ar proveniente de serem obrigados a deparar-se de onde passam muitas carruagens todos os dias — e essa expressão reconhece-se n'um momento. Não existe no focinho de qualquer cão fora dos limites d'essa rua. Todos os mais dormem tranquillamente e não fazem guarda. Não mexeriam consigo, ainda que passasse o sultão.

N'uma rua estreita (mas nenhuma d'ellas é larga) vi tres cães no chão, enroscados, separados um pé um dos outros. Deitados de um lado ao outro, cortam positivamente a rua de goleira a goleira. Viu um rebanho de cem ovelhas, passaram mesmo por cima dos cães, amontoando-se as que iam na retaguarda sobre as da frente, impacientes por avançar. Os cães ergueram preguiçosamente os olhos, desviaram-se um pouco quando os pés impacientes das ovelhas lhes tocaram nos quartos fe-

ridos, suspiraram e em socego se deitaram outra vez. Não ha palavras que digam melhor de que isso. De maneira que algumas das ovelhas saltaram por cima e outras se metteram por meio d'elles, pisando de quando em quando uma perna com os seus cascos agudos, e quando o rebanho os salvava, os cães deram alguns espirros, por entre a nuvem de pó, mas nunca botaram d'onde estavam nem uma pollegada. Pensava eu que era indolente, mas sou uma melcha de vapor comparado com um cão de Constantinopla. Não foi essa uma scena singular para uma cidade de um milhão de habitantes?

Esses cães são os varredores da cidade. Tal é a sua posição official, bem difficil. Também é o que lhes vale. Se não fosse a utilidade que resulta de fazerem em parte a limpeza d'essas ruas terríveis, não seriam tolerados por muito tempo. Comeu tudo que encontram, seja o que for, desde cascas de melão e restos de cachos de uvas, envoltos em toda a especie de imundicie e de refugo, até aos seus proprios amigos e parentes mortos — e, todavia, andam sempre magros, sempre famintos, sempre desalentados. O povo tem repugnancia de matal-os — de facto, não os mata. Diz-se que os turcos tem uma antipathia innata a tirar a vida aos irracionais. Mas fazem peor. Penduram-nos, dão-lhes pontapes, apedrajam e escaldam essas miseráveis creaturas até ficarem ás portas da morte, e deixam-nas depois para viver e pensar.

De uma vez o sultão deliberou acabar com todos os cães que havia em Constantinopla, e deu começo á obra — mas a população soltou taes gritos de horror por esse motivo que o morticínio cessou. Deceitido algum tempo determinou-se em o mandar para uma ilha no mar de Marmara. Não houve opposição, e lá foi um navio carregado d'elles. Mas, quando se espalhou que, por qualquer forma, os cães não chugaram á ilha, mas tinham ido pela borda fóra e morrido, outro clamor se levantou e foi posto de parte o plano de transformação.

Por maneira que os cães permanecem em tranquillidade posse das ruas. Não digo que não ladrem de noite, nem que se não atirem a quem não levar na cabeça um fez vermelho. Apenas digo que accusados d'essas cousas bem pouco decorosas seria baixo para mim, que os não vi fazer com os meus proprios olhos, nem as ouvi com os meus proprios ouvidos.

Fiquei pouco surprehendido de vêr turcos e gregos fazendo de pregoeiros na terra mysteriosa que os gigantes e os genios das *Mil e uma noites* habitaram outr'ora — onde corseis alados e dragões com cabeça de hydra guardavam castellos encantados — onde principes e princezas corriam pelo ar sobre tapetes que obedeciam a um mystico talisman — onde as cidades, cujas casas eram construidas de pedras preciosas, surgiam n'uma noite ao acaso de um folhetinho, e o onde o bulleto dos mercados cessava de subito com um encantamento e, cada cidadão, deitado ou sentado ou de pé, com a lanca erguida ou com um pé avançado, ficava exactamente como estava, mudo e anulado, por espaço de um anno!

Era curioso vêr os rapazes a vender jornaes n'uma terra tão phantastica como essa. E, para falar verdade, é comparativamente um caso novo aqui. A venda de jornaes começou em Constantinopla ha um anno e teve a sua origem na guerra da Prússia com a Austria.



pones pretendem que os gregos tenham quaesquer virtudes que algem possa descobrir — ao menos sem a prova do fogo.

Estou quasi em crêr que os celebrados cães de Constantinopla tem sido diffamados, calunniados. Sempre fui levado a suppar que eram tão numerosos nas ruas que impediam o transitio; que andavam por uma parte e por outra organisados em companhias, pelotões e regimentos, e se apoderavam do que tinham necessidade por meio de assaltos decididos e forozes, e que de noite, com seus terríveis latidos, abafavam todos os outros ruores. Ora, os cães que aqui vejo não podem ser aquelles de que tenho noticia pela leitura.

Encontro-os por toda a parte, mas não em grande força. Não passam de dez ou de vinte os que tenho tido juntos. E, tanto de dia como de noite, unidos d'ellos dormiam a bom dormir. Os que estavam acordados pareciam ter somno. Nunca em minha vida contemplei





CAMILLO MANUEL ALVAREZ GIL.  
Presidente da camera de commercio hespanhol  
em Lisboa.



CESAR MARQUES  
Um dos companheiros do aeronauta Belchior



JOSÉ ANTONIO DE ALMEIDA  
Outro companheiro do aeronauta



JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO.  
Um dos encarregados dos festejos em homenagem  
ao rei de Hespanha

## CHRONICA ELEGANTE

Lisboa vive! A's longas, monotonas e desertas tardes de fim de estio, succede agora um periodo de animação e alegrías, gesticivas.



FIGURA 1

Afora alguns retardatarios que ainda passam nos seus *chateaux* a época das caçadas, pôdo dizer-se que todos regressaram das praias e villegiaturas: no natural desejo de gerarem dias de bon tempo a doce *joie* de passeio pela baixa, á faina de compras e preparativos de *billetes* d'invencioneiros, se actual-

mente a perspectiva de proximos festejos, para os quaes todos querem estar prevenidos, e que pouco a pouco vão infiltrando enthusiasmo nos mais misanthropos.

As ruas da baixa povôam-se de passeantes, mais ou menos *affairés*, as luxuosas equipagens estacionam á porta dos arruaes elegantes, os *electricos* favorecem admiravelmente a sempre crescente circulação, tudo, enfim, contribue para dar á nossa formosa capital o aspecto de vida, de elegancia e de bom tom de que ella tanto carecia ha ainda alguns annos.

O genero de *taillete* que domina para o passeio da tarde é o *costume tailleur habillé*, que é igualmente proprio para visitas menos cerimoniaes.

Mesmo o traje *tailleur simple* tem um cunho essencialmente distincto, quando seja executado em tecido fino e caro, forrado de roçagante seda, deixando apparecer, quando se levanta, uma saia igualmente de seda, bem guarnecida. Apesar de toda a reitancia, o vestido redondo *va-se* impondo; não curto acima da botá, mas rente do solo. De algumas cãs reputadas como de primeira ordem em Lisboa ainda não sahio este outono um unico vestido de passeio com canda. Os paunos da todas as qualidades, *cheviottes*, *homespans*, *nattés*, *bonclés*, os

velludos, *velvets*, *velveteens* *lilas*, *frappés*, são os tecidos mais usados para trajes de passeio e guarnecem-se de pelles, de galões ricamente bordados e lavrados, com botões artisticos de lavores antigos e modernos, e variadas dimensões; os foitões são diversos, mas a nota dominante em todos elles é o grande cabecão, ou *collet*, fazendo descahir os hombros e as mangas bastante volumosas em bai-

xo, conquanto não afflujam as proporções immensas das do traje de recepção ou de noite. Com a gola voltada para baixo e o pescoço desafrentado, impõe-se e é essencialmente a adopção das gravatas de toda a especie, desde a mais confortavel e posada *fourrurée* até á tenuissima gaze ou tulle, formando grande laço delatado de barba.

FIG. 1—Costume *tailleur habillé* em velludo de phantasia com grandes bandas formando cabecão e canhões Luiz XV em *faulle* com lirios roxos bordados ou pintados. Collete de pelles. Gravata e folhos de mangas em renda com laços de velludo preto.

FIG. 2—Costume *tailleur simple* em pauno com galles. Gravata de renda. *Toque* de penhas de phantasia.

FIG. 3—Vestido de recepção e n' tulle preto com rosas *incrustées* e fitas de velludo preto sobre fundo de seda branca.



FIGURA 2



FIGURA 3

